

Histórias em quadrinhos: por que trabalhar na sala de aula?

Remigio Pires de Novaes

Romario Pires de Novaes

Resumo: A inquietação deste estudo é discutir a utilização dos quadrinhos em sala de aula como meio de promover o ensino-aprendizagem de forma lúdica, porém sem perder a essência do ensino abordando alguns pontos cruciais para o uso das HQs. Assim, temos como objetivo ressaltar a importância das HQs nas aulas principalmente para o trabalho com a linguagem verbal e não verbal para que os alunos desenvolvam o senso crítico-analítico, bem como relatar os desafios encontrados pelos professores na utilização dos mesmos. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de autores como Barbosa e Ramos (2010), Cirne (2000), Duarte (2011), Eisner (1999), Freire (s/d), entre outros, que discutiam a contribuição dos quadrinhos para o ensino-aprendizagem nos alunos, e como estes podem auxiliar no processo de ensino, além de relatar o perfil do professor frente ao uso deste gênero. Com isto, concluiu-se que o uso dos quadrinhos na sala de aula é uma ferramenta auxiliadora para o

Remigio Pires de Novaes é graduado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Mestrando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia-UFBA.

Romario Pires de Novaes é graduado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Cândido Mendes-UCAM. Especialista em Gestão Pública Municipal e Mestrando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia-UFBA.

processo de ensino, uma vez que, além de promover a prática da leitura, promove também a criticidade dos alunos.

Palavras-chave: História em Quadrinhos. Professor. Sala de aula.

Cómic: ¿por qué trabajarlos em el aula?

Resumen: La inquietud de este estudio es discutir la utilización de los cómics en el aula como medio de promover la enseñanza-aprendizaje de manera lúdica, sin embargo sin perder la esencia de la enseñanza abordando algunos puntos cruciales para el uso de los cómics. Por lo tanto, tenemos como objetivo resaltar la importancia de los cómics en el aula principalmente para el trabajo con el lenguaje verbal y no verbal para que los estudiantes desarrollen senso crítico, bien como relatar los desafíos encontrados por los profesores en la utilización de los mismos. Se ha realizado una investigación bibliográfica considerando las contribuciones de autores como Barbosa y Ramos (2010), Cirne (2000), Duarte (2011), Eisner (1999), Freire (s/d), entre otros, que discutieron la contribución de los cómics para la enseñanza-aprendizaje en los alumnos, y como estos pueden auxiliar en el proceso de enseñanza, además de relatar el perfil del profesor frente al uso de este género. Con esto, se concluye que la utilización de los cómics en el aula es una herramienta auxiliadora para el proceso de enseñanza, una vez que, además de promover la práctica de la lectura, promueve también la criticidad de los alumnos.

Palabras-clave: Cómic. Profesor. El aula.

Introdução

O presente trabalho possui como temática a reflexão das Histórias em Quadrinhos, com ênfase no fazer pedagógico em sala de aula,

uma vez que discutimos o quanto a utilização das HQ's pode auxiliar no processo de aprendizagem. No entanto, abordamos também alguns impasses que este gênero enfrenta, principalmente o equívoco de alguns professores quanto ao modo de uso durante as aulas. Isso porque os quadrinhos, por um fator histórico-social, eram vistos simplesmente como objeto de lazer e não de aprendizagem, algo que hoje vem mudando, embora já venha inserido em sala de aula de modo superficial.

Nesta perspectiva, construiu-se as questões que nortearam este trabalho:

Qual a importância da utilização das Histórias em Quadrinhos em sala de aula e como elas auxiliam no processo de ensino-aprendizagem?

Quais métodos os educadores devem se apropriar para a realização de um trabalho com os quadrinhos?

Diante de tais problemáticas, devemos perceber os quadrinhos para além das histórias coloridas, feitas apenas para entretenimento. Na verdade, as narrativas em quadrinhos estão carregadas de signos semióticos que contemplam desde a forma do desenho até a expressividade das cores, possibilitando a prática de várias interpretações. Isso exige do leitor uma interpretação mais detalhada da imagem, pois a maioria da HQ utiliza da linguagem não verbal. Assim, “na arte dos quadrinhos, a palavra não exerce função primordial. Ela não é imprescindível à estrutura do discurso, já que a comunicação se amplia através da linguagem que se constrói numa direção semio-

lógica” (RESENDE, 1997, p. 263). Ou seja, nos quadrinhos, a fonte de leitura é a imagem, que nos possibilitam diversos ângulos de interpretações, visto que mesmo com a utilização da linguagem verbal em determinadas histórias, a sua forma de leitura permanece sendo a representação imagética.

Neste contexto, o objetivo deste estudo é, pois, investigar como devem ser abordados os quadrinhos em sala de aula a fim de proporcionar ao alunado um desenvolvimento exponencial do seu cognitivo.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica realizada a partir da análise pormenorizada de materiais já publicados na literatura sobre as HQ e artigos científicos divulgados no meio eletrônico. Para a realização deste artigo, o pressuposto teórico utilizado foi Barbosa e Ramos (2010), Cirne (2000), Duarte (2011), Eisner (1999), Freire (s/d), Mccloud (1995), Neto & Silva (2011), Santos (2003), Vergueiro (2009), Resende (1997), Peirce (2003).

Desenvolvimento

Pensar o trabalho com HQs em sala de aula, não é pensar em abolir as ferramentas de ensino já utilizadas, e sim, promover aos alunos maior capacidade de desenvolvimento cognitivo, pois assim como qualquer outro gênero, os quadrinhos podem ajudar na compreensão de determinado conteúdo. E, com isto citamos Freire (s/d, p, 21): “face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os na medida em que são válidos”; ou seja, não é inserir o uso de quadrinhos por ser uma ferramenta nova e por ser

uma leitura de prazer, e sim, por provocar nos nossos alunos uma leitura crítica, bem como os outros meios que utilizamos já o fazem.

Desta forma, é possível trabalhar com os quadrinhos em todas as séries de ensino e em todas as faixas etárias, desde que o professor, seu mediador da aprendizagem, tenha um conhecimento deste gênero e uma habilidade que possa desenvolver uma prática de atividade com quadrinhos, na qual seus leitores possam construir novos conhecimentos. Isso porque:

Os quadrinhos, mais do que o cinema, mais do que o vídeo [...], mais do que a televisão, investe na possibilidade de uma leitura radical. [...] Aquela leitura que se dá, ao mesmo tempo, de forma múltipla e simultânea, que constrói a sua temporalidade específica no interior da narrativa que, se de um lado é a narrativa proposta pelo autor, do outro é a narrativa mentalmente trabalhada pelo leitor (CIRNE, 2000, p. 25).

Sendo assim, o trabalho com quadrinhos possibilita a nós, educadores, o descobrimento e o aprofundamento em uma linguagem pouco explorada nas salas de aula, no que se refere à linguagem não verbal; assim sendo, a análise semiótica possibilitaria aos alunos uma interpretação mais crítica deste gênero. E, quando referirmos à semiótica nos quadrinhos, fazemos menções a toda expressão artística que envolve as HQs. Segundo Neto, Silva (2011, p. 29) “somos seres imagéticos, simbólicos, sensíveis: produzimos imagens, consumimos imagens, pensamos com imagens, buscamos imagens”, logo, o nosso existir neste mundo é totalmente dependente da leitura imagética, seja ela a dos quadrinhos ou de qualquer outra forma de leitura imagética. E, nesta mesma perspectiva com o trabalho semiótico nos quadrinhos Cirne (2000, p. 26) cita que:

Compreender a especificidade desta ou daquela determinada linguagem implica, por seu turno, compreender os mecanismos semióticos-informacionais [...] que engendram novas perspectivas estéticas ou poéticas no terreno mesmo da arte.

Para tanto, deixemos bem claro que nenhum trabalho semiótico está indissociável do contexto sociocultural de um indivíduo. Isto posto, o desenvolvimento de atividades com as HQs explorando a totalidade das significações, pode gerar novas descobertas no imaginário, o que possibilitará ao indivíduo uma comparação do imagético com o real. Desse modo, a produção de sentido nas sequências narrativas depende da leitura sígnica realizada pelo leitor do quadrinho. E, nessa questão do imagético em relação ao social/cultural, os quadrinhos são uma ferramenta cheia de signos que pode ser usufruída para a construção do conhecimento signífico de cada indivíduo.

Qualquer nova perspectiva estética, inclusive, só existe na medida em que uma conquista semiótica, experimental ou não, se consolida formalmente enquanto signo capaz de investir, do social ao cultural, na aventura do imaginário: a descoberta de novos caminhos significantes (CIRNE, 2000, p. 26).

Assim, mesmo com toda essa abordagem que trouxemos sobre a questão da leitura semiótica nos quadrinhos, muito ainda há a ser investigado e explorado pelas HQs em sala de aula. Por isso, é preciso reverter o seu passado histórico, priorizando o aspecto do lazer. Com efeito, faz-se necessário desconstruir ainda algumas resistências em sala de aula, fortalecendo o desenvolvimento de trabalhos

mais sistemáticos, críticos para proporcionar a formação de leitores. Além disso, é preciso que as pesquisas no Ensino Superior sejam ampliadas, pois mesmo que hoje exista um bom número de pesquisadores nesta área, seus trabalhos encontram-se concentrados entre si. E isso tem ocorrido não por falta de investimento e de incentivos por parte destes para a utilização deste gênero, mas por falta de capacitação dos professores que ainda se prendem a uma formação racionalista, na qual os quadrinhos não são vistos como um meio de construção do cognitivo.

As histórias em quadrinhos podem constituir-se em um recurso interessante para serem trabalhadas em sala de aula, mas, apesar dos avanços já feitos no que diz respeito à sua utilização na educação escolar, ainda há que se desobstruir este caminho de antigos preconceitos que permanecem. [...] Adicione-se a isso o fato de que elas são essencialmente imagéticas e que as escolas e a academia têm, em grande parte, dificuldades para lidar com as imagens, uma vez que, por conta da dominância do paradigma racionalista, desenvolveu-se a ideia de que as imagens são para as crianças e, portanto, não podem ser para coisas sérias como os conteúdos escolares ou a formação profissional realizada na maior parte do ensino superior (NETO, SILVA, 2011, p. 29).

Desta maneira, é preciso repensar o trabalho com as HQs, que em alguns momentos é visto simplesmente como meio para estimular o prazer pela leitura. Com isso, o fazer pedagógico deve contemplar também a construção das significações imagéticas. Sendo assim, a formação de um novo olhar deve alcançar os nossos alunos, os quais também não possuem certa familiaridade de significações. Por isso, é fundamental inseri-los nesse universo semiótico, pois no momen-

to em que o trabalho com este gênero for realizado de modo como este artigo defende, vamos perceber que nossos alunos poderão se tornar capazes de interpretar qualquer linguagem imagética. Mas para que isto ocorra, será necessário um investimento maior tanto nos quadrinhos, quanto na semiótica para que os alunos possam interpretar toda construção sígnica existente nos quadrinhos.

E com isso, o trabalho com quadrinhos nos direciona a ver que tanto os professores como os nossos alunos, somos seres que estamos em processo de construção de significados, já que Paulo Freire defende que somos seres inacabados que estamos sempre em processo de aprendizagem; e neste mesmo pensamento, citamos Neto & Silva, (2011) que nos afirmam a utilização dos quadrinhos como meio de promover a aprendizagem, desde que haja um reconhecimento tanto por parte dos educadores como de toda a comunidade escolar.

Para tanto, além de todo o procedimento aqui levantado por nós para a utilização dos quadrinhos, ressaltamos outro aspecto totalmente importante, a metodologia. Este, para alcançar o êxito depende da compreensão do professor para entender o percurso de todo pedagógico para realizar o uso do quadrinho em sala de aula. Certamente, nem todos os educandos irão corresponder de uma mesma maneira, mas é preciso não ter medo de desenvolver novas metodologias para construir propostas mais interativas para explorar linguagem verbal e não-verbal. E, talvez seja esse o impasse recorrente ao trabalho com quadrinhos ao se pensar que existe uma fórmula metodológica “universal” a ser utilizada na sala de aula. Porém, deixamos bem claro que não há, pois o professor deve se ver não só como um educador, mas como um pesquisador, já que ele

criará métodos para que o aproveitamento com este gênero alcance o desenvolvimento do cognitivo dos educandos.

Acredito que cada um constrói o seu próprio caminho metodológico a partir das experimentações práticas que faz e da reflexão crítica que desenvolve sobre elas. Professores, penso, devem ser criadores. É assim também para aqueles que querem trabalhar com as histórias em quadrinhos (NETO, SILVA, 2011, p. 128).

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para reconhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 29).

Desta forma, se construirmos um procedimento metodológico para com os quadrinhos (relembrando que cada educador deve possuir sua própria metodologia) e o trabalharmos de forma adequada, logo perceberemos, que enquanto estivermos estimulando a prática deste gênero em nossas aulas, estaremos a promover o nosso intuito de pesquisador, desvendando as indagações recorrentes e estimulando nossos alunos a se tornarem seres mais críticos e pesquisadores das leituras imagéticas.

Conclusão

Diante do exposto, conclui-se que o trabalho com os quadrinhos possibilita aos nossos alunos o desenvolvimento do seu cognitivo,

bem como, aprimorá-los a uma facilidade na leitura imagética. Desta forma, repensar a prática dos quadrinhos, é reavaliar a sua utilização em sala de aula, pois não podemos estigmatizá-las como instrumento apenas para se trabalhar o verbal, já que grande parte de sua construção se utiliza especificamente do não verbal. Porém, ressaltamos que para se trabalhar o não verbal, o professor deve aprimorar-se da semiótica como meio de aprofundar o seu trabalho com os quadrinhos, visto que toda leitura imagética não deve ser realizada de modo aleatório, e sim, com método/teórico que o instigue a novas perspectivas de trabalho com as HQs.

A relação entre código escrito e o imagético existente nos produtos da linguagem gráfica sequencial permite uma fruição única de leitura, uma forma de apreensão da mensagem que é apenas deles e de nenhuma outra forma de comunicação (VERGUEIRO apud NETO, SILVA, 2011, p. 7).

Com isso refletir o uso dos quadrinhos na sala de aula, significa perceber que a leitura de códigos imagéticos possibilita aos alunos uma gama de novas significações, sendo que esses códigos são representações sígnicas, nas quais um signo possui a função de representar um outro signo. E assim, os quadrinhos o são, já que possuem a função de representar um fato, mas que só obterá êxito em sua interpretação se for analisada com as correntes da semiótica.

Deste modo, precisamos reconhecer os quadrinhos como meio de promover a formação dos nossos alunos, pois as HQs ainda encontram preconceitos em sua aplicação em sala de aula, uma vez que possam garantir aos nossos alunos uma experiência ímpar, onde

eles desfrutam de todos os recursos da linguagem quadrinhística, aguçando a sua percepção imagética que pouco é explorada em todos os níveis escolares.

[...] reconhecê-las como uma das formas de comunicação que nós, seres humanos, historicamente construímos para transmitir uma mensagem e que, portanto, deve ser respeitada e considerada na formação de crianças, jovens e adultos, constitui-se hoje em um desafio da educação (NETO, SILVA, 2011, p. 64).

Para tanto, sabemos que o desafio do trabalho com as HQs é grande, mas que não deve ser dispensável ou realizado de qualquer maneira, pois não estaremos somente prejudicando nossos alunos, mas a nossa própria prática docente. Por isso, a aplicação dos quadrinhos em sala de aula deve ser cautelosa e proveitosa tendo em si alguns critérios a serem trabalhados, que será possível juntamente com o planejamento teórico metodológico de cada professor para que se alcancem os objetivos explicitados por este.

Assim, propomos que ao trabalhar com este gênero, o professor delimite alguns instrumentos para a aplicação com os quadrinhos em sala de aula, principalmente o recurso da semiótica para fundamentar a construção das aulas. Além disso, as seleções desses recursos semióticos podem proporcionar tanto aos professores, quanto aos alunos uma maior facilidade interpretativa.

Referências

BARBOSA, Alexandre. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. Vários autores. 4º ed. São Paulo: Contexto, 2010. (Coleção Como usar na sala de aula).

BARI, Valéria Aparecida. Leitura, letramento e histórias em quadrinhos. In: *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*. Tese de Doutorado, ECA/ USP, 2008. cap. 3. p. 107- 148. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/pt-br.php>> . Acesso em: 20 jun. 2012.

CIRNE, Moacy. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

DUARTE, Michelle Costa. SILVA, Éderson Paulino. Elementos básicos da linguagem das histórias em quadrinhos. In: NETO, Elydio dos Santos. SILVA, marta Regina Paulo da (orgs.). *Histórias em quadrinhos & educação: formação e prática docente*. Vários autores. São Paulo: Metodista, 2011, p. 73- 94.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 12º ed. São Paulo: Paz e Terra. s/d.

MCCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995.

NETO, Elydio dos Santos. SILVA, marta Regina Paulo da (orgs.). *Histórias em quadrinhos & educação: formação e prática docente*. Vários autores. São Paulo: Metodista, 2011.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. 3º ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RAMOS, Paulo. VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Roberto Elísio dos. *A história em quadrinhos na sala de aula*. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação Educativa, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte, MG, 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP11_santos_roberto.pdf> acesso em: 20 jun. 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: BARBOSA, Alexandre. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. Vários autores. 4^o ed. São Paulo: Contexto, 2010. (Coleção Como usar na sala de aula).

_____. Waldomiro. O Leitor de Histórias em quadrinhos: diversidades e idiossincrasias. In: *Não Está no Gibi*. Coluna junho 2003. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=141>. Acesso em: 20 jun. 2012.